

O império não quer o desenvolvimento da periferia

Entrevista de Daniel Plácido, Rafael Bensi e Thais Zwicker

Revista Úrsula, 1.4.2025,

O ex-ministro critica o modelo econômico vigente e aponta caminhos para um Brasil mais independente e competitivo no cenário global



imagem: Carlos Ebert

Nesta entrevista concedida à *Úrsula*, o economista, cientista político, administrador e advogado Luiz Carlos Bresser-Pereira, ex-ministro de estado, compartilha sua visão sobre os desafios e rumos da economia nacional. Ele mesmo um indiscutível “mestre da economia brasileira”, refere-se a mestres como Celso Furtado, Raúl Prebisch, Ignácio Rangel, Marx e Keynes, para em seguida discutir sobre a importância do desenvolvimentismo, a necessidade de uma política cambial estratégica e a relação entre inflação e crescimento.

Ademais, analisa temas atuais, como a possibilidade de uma moeda alternativa dos Brics ao dólar, os impactos da nova reforma tributária, a indicação de Gabriel Galípolo para o Banco Central e o papel das criptomoedas no mercado financeiro. Com um olhar crítico sobre o modelo econômico vigente e a condução da política monetária, ele aponta caminhos para um Brasil mais independente e competitivo no cenário global.

Nascido em 1934, em São Paulo, Bresser-Pereira atuou como ministro da Fazenda (1987), da Administração Federal e Reforma do Estado (1995-1998) e da Ciência e Tecnologia (1999). É professor emérito da Fundação Getúlio Vargas desde 1959 e editor da *Revista de Economia Política* desde 1981. Recebeu diversas honrarias, como o título de *doutor honoris causa* pela Universidade de Buenos Aires (2010) e o prêmio Juca Pato (2015). É autor de importantes obras sobre economia e política, como *Desenvolvimento e Crise no Brasil* (1968/2003), *Globalização e Competição* (2009) e *A Construção Política do Brasil* (2014). Vários de seus trabalhos estão disponíveis no [site](#).

Daniel Placido: Em uma entrevista concedida ao [podcast Reconversa \(julho de 2024\)](#), o ministro mencionou Celso Furtado, Ignácio Rangel e Raúl Prebisch como seus mestres em economia brasileira, e Marx e Keynes como seus mestres em economia geral. Se fosse possível resumir em poucas palavras, quais lições desses mestres o ministro destacaria como prementes para a atualidade?

Raúl Prebisch e Celso Furtado ensinaram-me o desenvolvimentismo estruturalista clássico – ensinaram-me que desenvolvimento econômico implica industrialização e que esta requer que o Estado intervenha moderadamente na economia e adote a perspectiva do nacionalismo econômico. Ensinaram-me, também, como o império não quer o desenvolvimento da periferia. Desde 1990, a política econômica no Brasil é de desindustrialização e de submissão ao Norte Global. Assim não vamos a lugar algum.

Ignácio Rangel me ajudou a entender a inflação e mais amplamente me ajudou a entender o Brasil. Ele criou uma teoria da inflação de longo prazo cujos sinais são invertidos: quando o país está crescendo, a inflação cai; quando entra em crise, a inflação se acelera, porque nesses momentos a inflação é um mecanismo que amortece a crise ao invés de agravá-la porque os custos das empresas são reduzidos e elas investem mais.

Marx e Engels me ensinaram o materialismo histórico, me ajudaram a pensar de forma histórico-estrutural ao invés de forma meramente lógica.

Keynes me ensinou os princípios básicos da macroeconomia, também pensou de forma histórico-estrutural, mostrando-se que é possível e necessário combinar esse método (oposto ao método hipotético-dedutivo) com a teoria econômica,

Daniel Placido: Sobre a possibilidade de uma renúncia ao dólar para transações comerciais, articulando-se moedas alternativas como a hipotética moeda do Brics, na concepção do ministro, isso seria viável e benéfico? Por quê?

A moeda dos Brics é uma boa ideia, para todos os países seria bom depender menos do dólar, mas essa moeda ainda está muito longe da realidade.

Rafael Bensi: Ministro, como o senhor enxerga o modelo econômico brasileiro, que mantém seus pressupostos no chamado tripé econômico: superávit primário, meta de inflação e câmbio flutuante? O que senhor pensa das críticas que apontam que esse modelo está superado e por isso o Brasil está impedido de crescer?

O Brasil precisa mais do que um superávit primário; precisa fazer um ajuste fiscal mais profundo e voltar a realizar poupança pública que financie o investimento público. O regime de metas de inflação é um bom regime, mas a meta definida pelo Conselho Monetário é muito baixa; em vez de 3 deveria ser 5%. Finalmente, em vez do câmbio flutuante que deixa o país sem um instrumento fundamental para o seu desenvolvimento – uma política cambial. Por isso defendo um câmbio flutuante administrado. É o que fez o Brasil até 1990 e o que continuam a fazer países realmente independentes como a China.

Rafael Bensi: O presidente Lula indicou Gabriel Galípolo para o Banco Central. Recentemente, o site *Poder 360* divulgou um quadro mostrando como ambos, Galípolo e Campos Neto, dificilmente divergem sobre os rumos da política monetária e juros. O senhor acredita que Lula fez uma boa escolha?

Eu creio que Galípolo foi uma boa escolha. O fato de estar hoje comprometido com a alta da taxa de juros já programada, que deverá alcançar em dois meses 14,25%, não significa que ele esteja traindo Lula.

Na verdade, ele não tem alternativa, dado o aquecimento da economia e o aumento substancial da inflação desde maio de 2024. Claro que a taxa de juros está muito alta, mas no Brasil o “nível mínimo” da taxa de juros não é 1%, como nos Estados Unidos, mas 5% ao ano. Entendo por nível mínimo aquele abaixo do qual a coalizão de classes financeiro-rentista dominante no Brasil não admite. Porque é poderosa e porque há muito os brasileiros já se acostumaram com esse nível mínimo – naturalizaram-no.

Thais Zwicker: Ministro Bresser-Pereira, como o senhor enxerga os impactos da nova reforma tributária brasileira no equilíbrio fiscal e no estímulo ao desenvolvimento econômico? Além disso, quais efeitos o senhor acredita que ela pode ter na competitividade da economia brasileira no contexto do câmbio e do mercado global?

O ajuste fiscal proposto pelo governo é de bom tamanho. Precisa ser aprovado, como também o aumento do imposto sobre os ricos que compense o aumento de isenção para os pobres.

A competitividade da indústria brasileira depende muito longinquamente do ajuste fiscal. Depende muito mais da taxa de câmbio que é sempre competitiva para as *commodities* e, no momento, está também competitiva para a indústria de transformação, já que o preços das commodities está “normal” (não está elevado) e, portanto, não há doença holandesa – a apreciação da taxa de câmbio específica para a indústria (que chamo de “equilíbrio industrial”) quando, em um país exportador de *commodities*, seu preço aumenta significativamente em relação à taxa de câmbio que equilibra a conta corrente. Se o leitor quiser entender melhor o que estou afirmando nesta entrevista, sugiro que consulte meu livro *Novo Desenvolvimentismo – Introduzindo uma nova teoria econômica e economia política*.

Thais Zwicker: Levando-se em consideração o avanço das tecnologias financeiras e o papel crescente das criptomoedas como o Bitcoin, como o senhor avalia o impacto dessas inovações no mercado financeiro brasileiro?

O bom desempenho das criptomoedas está levando uma grande saída de dólares, o que contribui para a escassez de dólares e a desvalorização do real.